



INTRÉPIDO E INCANSÁVEL: A ATUAÇÃO EDUCACIONAL DE ELISEU COROLI EM BRAGANÇA - PARÁ, NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Prof. M.Sc. Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva¹
(UFPA Bragança/PA) e

Prof.^a Leila do Socorro Rotterdam Oleto²
(SEMED Bragança/PA)

Resumo: Este artigo apresenta parte da atuação educacional de Dom Eliseu Maria Coroli em Bragança, Pará, entre fatos marcantes, intenções e contrariedades. Procura analisar parte de uma farta documentação através da História Social e Cultural, dentro do contexto educacional da primeira metade do século XX em torno da figura do bispo, no cruzamento com relatos orais, dados pessoais, jornais e as relações sociais construídas o que acaba por discutir sua biografia para compreender o legado de seu perfil religioso e educacional. A escrita do artigo foi conduzida através da análise dos fatos que estão encerrados nos documentos, cruzando-os com as informações em entrevistas e memórias de sujeitos que conviveram com Eliseu Coroli e que construíram uma impressão sobre o bispo e suas atuação na História da Educação em Bragança, Pará.

Palavras-chave: Educação, História, Bragança, Pará, século XX.

INTREPID AND INDEFATIGABLE: THE EDUCATIONAL PERFORMANCE OF ELISEU COROLI IN BRAGANÇA - PARÁ, IN THE FIRST HALF THE 20th CENTURY

Abstract: This article presents part of the educational performance of Dom Eliseu Maria Coroli in Bragança, Pará, come in striking facts, intentions and annoyances. Search analyze part of a full documentation through the Social and Cultural History, in the educational context of the first half the XX century around of the illustration of the bishop, in the crossing with oral reports, personal data, newspapers and the built social relationships what finishes for arguing his biography to comprehend the legacy of your religious and educational profile. The writing of the article was conducted through the analysis of the facts that are closed in documents, crossing them with the information in interviews and memory of subjects that cohabited with Eliseu Coroli and that built an

¹ Licenciado Pleno e Bacharel em História pela Universidade Federal do Pará, 2002. Mestre em História pela Universidade Federal do Pará, 2006. Professor da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança.

² Licenciada Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará, 2004. Coordenadora Técnica e Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, de Bragança.



impression on the bishop and his performance in the History of the Education in Bragança, Pará.

Key-words: Education, History, Bragança, Pará, 20th century.

Introdução

Dom Eliseu Maria Coroli foi responsável por diversas obras que modificaram e deram um novo impulso à cidade de Bragança, Nordeste do Estado do Pará. Na época, vivia-se um ideário ufanista de que a modernidade chegara pelos trilhos do trem, acreditando ser esta uma oportunidade de alcance do desenvolvimento tão esperado que o século XX apresentava como modelo e guia.

Considerado por seus companheiros da Ordem dos Clérigos Regulares de São Paulo (Barnabitas) como um *“intrépido e incansável arauto do Evangelho”*³, o padre italiano, depois bispo prelado, se tornou uma importante e controversa figura da recente história de Bragança, não apenas como um marco balizador de empreendimentos que são considerados atualmente como exemplos, mas da maneira peculiar que influenciou e influencia a trajetória educacional da cidade.

A pesquisa surgiu como um resultado na leitura e análise de fontes diversas, de forma a compreender aspectos na biografia e na personalidade do bispo Dom Eliseu Coroli e teve a característica de provocar discussões, questionamentos e inquietações sobre de que forma ele colocou em prática em uma região da Amazônia brasileira aquilo que acumulou de sua educação na Itália.

Ao analisar tais fontes, se percebeu que é possível recuperar os vestígios de um passado da Educação de Bragança, a partir da possibilidade de se confrontar suas informações impressas em uma diversidade documental com os discursos produzidos sobre o objeto de estudo em tela. Essa discussão sobre o conceito de documento, expressa por Jacques Le Goff, dá conta de uma reflexão sobre os múltiplos sentidos que esta ou aquela documentação expressa, na medida em que reconhece a impossibilidade de escrever sobre uma dada realidade social mediante uma única fonte documental.

www.veredasdahistoria.com

³ Conforme carta de apresentação de Ângelo Amendola, diácono permanente da Diocese de Villettri, Segni (Itália) aos escritos traduzidos pelos Padres Barnabitas e que estão contidos no Arquivo Coroli, de posse das Irmãs Missionárias de Santa Teresinha, alguns deles dispostos à pesquisa.



Assim, as informações das fontes documentais escolhidas, dentre registros em Livros de Tombo, ofícios, registros em diários e discursos, foram recolhidas a partir do entendimento de um campo de relações de poder e de níveis culturais dos que neles estão envolvidos, tanto na sua elaboração quanto na sua divulgação e validade.

“O documento não é inocente, não decorre apenas da escolha do historiador, ele próprio parcialmente determinado por sua época e seu meio; o documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado, tanto para impor uma imagem desse passado, quanto para dizer “a verdade”. (LE GOFF, 2004. p. 54).

O trabalho pode tornar-se dessa forma um contributo para o conhecimento da História da Educação em Bragança a partir da trajetória de um ícone local, um sujeito de um campo da memória⁴ recorrente em trabalhos acadêmicos nessa perspectiva.

Parte da trajetória de Dom Eliseu Coroli de Piacenza à Bragança

No início do século XX, no dia 09 de fevereiro de 1900, nasceu Elias Eliseu Ferdinando Coroli, em Castelnuovo Val Tidone, pequena povoação da província de Piacenza, na Itália. Era o quinto filho do casal de camponeses Anacleto Ludovico Coroli e Maria Molinari. Seus pais, mesmo proprietários de terras, viviam humildemente e necessitavam garantir alimentos em grande quantidade para uma extensa prole. Plantavam quase tudo e só compravam o que não podiam cultivar.

Aos cinco anos de idade travou um diálogo interessante com sua genitora sobre a essência da felicidade, demonstrando um desejo de tornar-se uma pessoa feliz, resultando daí a perspectiva de exercer o sacerdócio e de vivê-lo em missão⁵.

No início do século XX, cultivava-se entre algumas famílias italianas o desejo de possuir entre seus membros missionários que orgulhassem seus parentes, principalmente

⁴ Este trabalho com o conceito de memória está presente em POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento e silêncio”. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 3-15, 1989; e em “Memória e Identidade Social” In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, pp. 200-212.

⁵ Conforme COLARES, Terezinha. *O Missionário Feliz*. Paragominas: Gráfica e Editora São Marcos, 1997. 359 p. p. 12.



na Itália, berço da Igreja Católica. Após a conclusão do quinto ano primário, Eliseu decidiu entrar no seminário. Seu pai o conduziu à Escola Apostólica São Bartolomeu dos Armânios, em Gênova, pertencente à Congregação dos Padres Barnabitas⁶, por engano, já que seu objetivo era levá-lo a uma escola de formação diocesana e não específica como a de uma congregação religiosa. Mesmo assim, entregou-o a essa instituição em 11 de outubro de 1911. Foi uma maneira de vê-lo inserido naquilo que o menino Eliseu mais desejava: tornar-se sacerdote.

Ficou interno na Escola Apostólica para estudos religiosos e cursava o equivalente ao ginásio, no Colégio Vittorino de Feltre, ambos dos Padres Barnabitas. O próprio nome da escola reflete o caráter de inovação pedagógica imprimida por Feltre, que contrastava com o aspecto triste e carrancuda educação medieval. O objetivo desta escola centrava-se numa formação integral do homem, propondo um programa de estudo onde constava a educação física, artística, moral, estética e intelectual. Foi uma das primeiras escolas particulares da Itália de orientação laica.

Essa orientação escolar passava, sobremaneira, pela preocupação com a natureza da criança, em duplo sentido, considerando a tenra idade e educando cada criança de acordo com sua própria índole. Por um lado, esperava-se não obrigar às crianças a estudarem contra vontade aquilo que não lhes agradava por inclinação, de outro, havia a renúncia em educar, ou ainda uma subestimação da força da educação⁷.

Abstraímos assim uma visão da educação que Eliseu recebeu no seu ginásio ao analisarmos o conteúdo de “*O Meu Vittorino*”⁸, texto traduzido do que está no caderno de anotações de n.º 24 do Arquivo Coroli⁹. É importante lembrar que o próprio Eliseu nunca tornou públicas suas anotações particulares até o momento em que passa a ser considerado beato por parte dos fiéis da Igreja Católica em Bragança.

Nestes escritos, Eliseu relembrou detalhes, nomes e ambientações de sua escola na Itália, traçando um perfil do Colégio Vittorino de Feltre, enfatizando algumas das

⁶ Congregação religiosa e missionária fundada por Santo Antônio Maria Zaccaria e inspirada na obra do missionário São Paulo, conhecida pela sigla CRSP – Clérigos Regulares de São Paulo.

⁷ Conforme MANACORDA, M. A. *História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez, 1999.

⁸ Arquivo da Cúria Generalíssima dos Padres Barnabitas em Roma, Itália.

⁹ O Arquivo Coroli foi criado para fins de identificação e guarda de todos os registros documentais acerca da vida e do trabalho pastoral de Eliseu Coroli. Foi organizado a partir de 1996, quando da abertura do Processo de Beatificação e Canonização do bispo italiano junto à Santa Sé católica.



principais características deste educandário: a grande alegria na formação dos adolescentes, a eficácia do aprendizado, a rigidez da disciplina e da conduta moral recebidos dos Padres Barnabitas.

Outro painel da formação educacional de Eliseu constituiu-se como o que ele mesmo relembrou de sua infância, talvez por entusiasmo, alegria e despojamento, ele já era tido nesta época como a “peste” do convento.

“quando eu jogava bola era pra vencer! E não admitia um colega em meu time que não se esforçasse pela vitória... Jogava-se como se tivéssemos fogo nas pernas e, como é natural, no jovem, há o desejo de soberba; de acusar os outros quando perde, e querer desforrar-se”. (Cf. COLARES, 1997. p. 13).

Todavia, as autoridades das congregações religiosas da Igreja Católica ainda eram muito fortes, pois para adaptar o indivíduo à sociedade, a pedagogia tradicional acabava cultivando no aluno uma atitude de recepção ao saber instituído¹⁰. Essa teoria e prática espalharam-se pelo mundo e propunham uma mudança educacional voltada ao desenvolvimento da personalidade integral do aluno que lhe despertava a participação ativa no processo de aprendizagem.

Após concluir os cinco anos de Ginásio na Escola Apostólica de São Bartolomeu, Eliseu pediu aos pais permissão para entrar no noviciado em Monza, passando o ano em provas e, em seguida, admitido à profissão dos votos perpétuos em 22 de novembro de 1916. Este foi o último ano em que a Igreja Católica concedeu fazer-se a profissão perpétua nesta idade, aos dezesseis anos.

Em uma de suas raras visitas à família, ainda aos 16 anos, conheceu o livro *“Conselhos e Lembranças”*, com os pensamentos da então beata Teresinha de Lisieux¹¹, que se tornaria mais tarde o seu principal modelo de vida e espiritualidade.

¹⁰ Devo parte das acepções pedagógicas desse estudo à pesquisa realizada pela Prof.^a Leila do Socorro Rotterdam Olete, minha orientanda de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia, pela UFPA Campus de Bragança, em sua Monografia de Conclusão de Curso, do ano de 2004.

¹¹ Francisca Teresa Martin, santa católica, nascida na França em 1873, foi uma religiosa pertencente à Congregação das Carmelitas descalças, do Carmelo de Lisieux, mundialmente venerada e conhecida pelos ensinamentos dispostos em seus manuscritos autobiográficos, organizados e reunidos por sua irmã Agnes



Imitando a religiosa e santa francesa, a partir deste conhecimento e da obstinação contra os pecados, principalmente os presenciados durante a guerra, criou um método particular de registros em um caderno, acerca de seus propósitos pessoais, pensamentos, afetos e desejos¹².

Nas suas anotações pessoais, Eliseu escreveu sobre o significado da Escola Apostólica¹³, um lugar de aprendizado profundo e rigoroso, mas cheio de alegria e prosperidade. Destinado a Lodi para fazer o curso no Liceu Clássico dos Barnabitas, equivalente ao 2º Grau à época, teve que interrompê-lo para servir ao Exército a partir de 21 de abril de 1918, deslocado para a localidade de Novara, onde serviu como soldado do Exército italiano no departamento sanitário.

Segundo Colares¹⁴, “[o também] Padre Marino Conti, dialogando sobre D. Eliseu, diz que ele pertenceu a uma geração forjada nas dificuldades da guerra, saindo revigorado, com alma de escola”. Terminada a Primeira Guerra Mundial em 1919, Eliseu continuou com seus estudos e conseguiu a maturidade clássica (equivalente ao vestibular atual) em junho de 1920 no Liceu, de Pietro Verri, em Lodi, seguindo para Roma onde ingressaria no Estudantado.

Com o término dos estudos teológicos e filosóficos, foi ordenado sacerdote em 15 de março de 1924, dispondo-se às missões, no que foi logo atendido por seus superiores e destinado ao Brasil para o Colégio dos Barnabitas, na cidade do Rio de Janeiro. Realizava, assim, o sonho de ser missionário além-fronteiras e juntar-se aos Padres Barnabitas que já atuavam no Brasil desde 1904.

Chegou ao Porto de Santos em 22 de dezembro de 1924 e apresentou-se a seu superior no Colégio Zacarias, no dia 24 do mesmo mês, na Rua do Catete, 113, onde permaneceu como Vigário (pároco) Coadjutor na Paróquia de Nossa Senhora de Lorêto, em Jacarepaguá, subúrbio da capital federal, Rio de Janeiro, assim como em capelas mais distantes. Sendo o mais novo naquela comunidade, transparecia grande vitalidade

(Inês) Martin, também religiosa daquela congregação, na obra denominada História de uma alma. Faleceu aos 24 anos em 1897. É umas das santas doutora da Igreja.

¹² Todos os cadernos de anotações pessoais de Dom Eliseu Maria Coroli se encontram no Arquivo Coroli, de posse das Irmãs Missionárias de Santa Teresinha, cuidadosamente conservados e analisados em vista do Processo de Beatificação e Canonização deste religioso perante a Igreja Católica.

¹³ Cf. idem.

¹⁴ Cf. COLARES, op. cit. 97.



e ânsia pela missão assumida em terras estrangeiras¹⁵, pois “*por aqueles trabalhos coadjutorias, mostrou que seria capaz de empreendimentos de máxima envergadura*” (COLARES, 1988. p. 32).

Estabeleceu-se no Rio de Janeiro, por cinco anos, trabalhando no Colégio Apostólico. No mesmo ano, em 14 de abril de 1928, o Papa Pio XI, através da bula Romanus Pontifex, erigiu a Prelazia de Nossa Senhora da Conceição do Gurupi, confiando-a a administração dos Padres Barnabitas, com seu território desmembrado da Arquidiocese de Belém, capital do Pará. Era um projeto de expansão, descentralização e controle por que passava a extensa área arquidiocesana que enfrentava problemas com escassez de sacerdotes. Mas a cidade de Bragança ainda não era parte dessa área.

Interinamente, até a sua chegada ao território da recém-organizada prelazia, o Arcebispo de Belém do Pará, D. João Irineu Jofylli, assumiu a administração da nova área de evangelização. Depois, padre Eliseu Coroli e mais três outros sacerdotes (Pe. Leopoldo Gerosa, Pe. Roque Carezni e Pe. Ângelo Moretti) foram incumbidos de vir ao Pará onde se estabelece em 22 de dezembro de 1929 e, logo

“compreendeu que precisava de grande esforço para difundir, o mais possível, o ensino religioso, pois a ignorância sobre os elementos doutrinários consentia no grande mal de que todos os outros vinham em consequência”. (COLARES, 1988. p. 63)

O Administrador Apostólico Francisco Richard na companhia de mais quatro sacerdotes Barnabitas (Eliseu Coroli, Ângelo Moretti, Roque Carezni e Leopoldo Gerosa) chegaram à cidade de Ourém na tarde de 05 de janeiro e no dia seguinte assumiram o controle da então Prelazia do Guamá no Dia dos Reis, 06 de janeiro de 1930, numa missa solene onde leu a bula de tomada de posse com a presença da comunidade. No interior de Ourém, por exemplo, segundo registros de tombo, Eliseu chegou a cumprir mais de duzentos e oitenta dias em desobriga sem retornar a sede.

¹⁵ José Meireles Sisnando, um dos alunos de padre Eliseu Coroli na Escola Apostólica de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, contemporâneo da chegada deste padre barnabita ao Brasil, cujo depoimento por escrito se encontra transcrito e analisado no livro *O Missionário Feliz*, da Irmã Terezinha Colares (missionária de Santa Teresinha), lançado em 1997, obra consultada e citada neste trabalho.



As distâncias e as dificuldades pareciam maiores do que o empenho desse grupo missionário, devido ao transporte de pessoas e cargas que só eram feitas através de barco e através do Rio Guamá. A Estrada de Ferro de Bragança era a única via férrea que colaborava com o trabalho desses primeiros Barnabitas, porém apenas na Região Bragantina. Disso resultou o pedido do Monsenhor Richard ao Núncio Apostólico no Brasil de que a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário (Bragança) fosse anexada à Prelazia do Guamá, o que aconteceu em 1934. Daí, Richard transferiu a sede prelatícia para Bragança, assumindo o vicariato de Bragança com o Pe. Eliseu Coroli a partir daí. Eis as circunstâncias históricas mais gerais nas quais visualizamos o início dos trabalhos pastorais do então padre Eliseu Coroli a começar pela região do rio Guamá, que almejava uma formação cristã adequada aos regulamentos da Congregação dos Padres Barnabitas, nicho espiritual e moral onde o próprio padre Eliseu compreendeu a responsabilidade de continuar a faceta histórica desta ordem religiosa em terras de missão, como que ensaiando os labores e os sacrifícios que teria de enfrentar anos mais tarde.

“O padre vira e revira todos os igarapés destas freguesias: mas é custoso edificar onde não há base. Enquanto não houve padres fixos nesta matriz, todos a uma voz pediam a presença deles, demonstrando o maior interesse pela religião. Quando os padres chegaram, encontraram os cristãos de São Miguel na maior indiferença religiosa. Mal e mal apareceram os meninos e as meninas à missa dos primeiros domingos. O número foi diminuindo cada vez mais, até se reduzir, às vezes, a uma dúzia e até menos. A frequência dos adultos à missa, nos domingos, nunca foi grande. Ficou, mais ou menos, sob umas 20 pessoas presentes ao Santo Sacrifício dominical”¹⁶.

As dificuldades encontradas por esses padres segundo a narrativa de Eliseu Coroli eram tamanhas e entre elas o analfabetismo, a indiferença religiosa à oficialidade católica, a dispersão da população e, principalmente, a falta de catequistas idôneos, portanto, iniciar um trabalho de base nesta região de missão era um grande desafio, para o qual organização e estratégia eram fundamentais. Isso gerou também a desgastes

¹⁶ Registro feito pelo padre Eliseu Coroli nas notas históricas da Prelazia do Guamá sobre a região.



físicos, como os do padre barnabita Francisco Richard, que debilitado após trinta anos de trabalho, retirou-se da administração apostólica de tão extensa prelazia, exultando com a escolha de seu mais fiel colaborador, padre Eliseu Coroli¹⁷ que daria continuidade à empreita religiosa da ordem.

Assim, *“as três [sic] direções encetadas por Dom Eliseu (a catequese, a educação escolar, a assistência hospitalar e a evangelização dos índios)”*¹⁸ estavam um tanto definidas no projeto dos missionários Barnabitas, cujo *“[...] ideal é a instrução daquelas crianças abandonadas pela civilização e condenadas à miséria, ao impudismo, ao completo alheamento da Pátria”*¹⁹.

As direções supracitadas *“não poderiam ser continuadas sem que houvesse um espaldar com a participação das forças locais, que trabalhassem junto aos missionários”*²⁰, como um apoio para os intentos desses padres. Várias tentativas foram realizadas com o intuito de satisfazer esta necessidade, e várias casas religiosas femininas foram abertas em Belém, porém, sem sucesso.

Todas essas circunstâncias coletivas tiveram no caráter de Dom Eliseu Coroli grande repercussão, já que ele trabalhou intensamente para ampliar sua principal influência – religiosa – num contexto social, cultural e político da época, adaptando-se às realidades e aos sujeitos com quem se relacionaria. Não é pretensão esgotar aqui as abordagens em torno do bispo italiano Coroli, mas apresentar alguns fatos que possam mapear sua atuação e algumas de suas contestadas limitações em Bragança e com alguns bragantinos além de contribuir para a História da Educação da cidade.

Não cabe apenas dar atenção à formação acadêmica, moral e religiosa de Eliseu Coroli, que nos deixou os relatos escritos. É necessário levar em conta que, ao trabalhar com esses registros pessoais oriundos nos Livros de Tombo, estamos diante de um homem, branco, europeu, cristão, sacerdote e que se considerava apto para fornecer a salvação num contexto tido como exótico, inferior e selvagem, como a Amazônia.

¹⁷ Impressões colhidas conforme Tradução dos Escritos de Dom Eliseu, 2001. Arquivo Coroli. p. 34.

¹⁸ Conforme nos relata o padre Barnabita José Maria Ramos das Mercês no Jornal Voz de Nazaré, na matéria *Barnabitas 450 anos*. Belém, 22 jan. 1984. Artigo, p. 3.

¹⁹ O ALPHABETO e a palavra de Deus nas selvas brasileiras. Jornal A Tarde, Rio de Janeiro, 22 ago. 1939. Artigo p. 7.

²⁰ Cf. MERCÊS, op. cit. p. 3.



Evidentemente, consideramos a questão da experiência e da cultura²¹ vivida por nosso sujeito principal – Eliseu Coroli – da Itália ao Brasil, usando aportes teóricos e metodológicos da História Social. Essa recuperação do passado, na multiplicidade das experiências de Coroli, é uma tentativa de revalorizar e rememorar a importância de sua posição social e seus valores, que se transformaram em instrumentos para compreender outros ambientes sociais que, apesar das intervenções de outros sujeitos históricos externos, não podem ser nem esquecidas nem abandonadas, como já se percebe diante do vastíssimo patrimônio educativo e cultural existente em Bragança.

Por esses registros se revela uma memória histórica dos sujeitos e suas relações culturais. Esses, à semelhança dos indivíduos, são dotados de uma memória histórica, por isso, é compreensível que se fixem na experiência cultural. Assim, a cultura tornou-se um conceito mais concreto e utilizável, “localizado dentro de um equilíbrio particular, de relações sociais, um ambiente de trabalho de exploração e resistência à exploração, de relações de poder mascaradas pelos ritos do paternalismo e da deferência”²².

As dificuldades e anseios na obra de Dom Eliseu Coroli

Com todas essas dificuldades é que o padre Eliseu começou a considerar a possibilidade de formar professoras e catequistas, o que naquelas circunstâncias ainda não era factível, mas alcançar freiras que o auxiliassem no trabalho educativo se tornava mais fácil, devido suas barganhas religiosas e à própria autoridade da Igreja local junto a famílias bragantinas.

Como parte desse plano religioso para a região, em 03 de fevereiro de 1934, um decreto consistorial anexou definitivamente mais três paróquias à prelazia (as de São Miguel do Guamá, São Domingos do Capim e Santana do Capim) e o encarregado dos

²¹ No que se refere ao conceito de cultura, chama-nos a atenção Thompson: “não podemos esquecer que ‘cultura’ é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume sob formas específicas das relações sociais e de trabalho” (Cf. THOMPSON, E. P. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.22.).

²² Cf. THOMPSON, E. P. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 17



trabalhos, monsenhor Francisco Richard, nomeou o padre Eliseu Coroli como responsável por essas três paróquias. Este decreto mudou também o nome, a sede e a padroeira da prelazia, passando a se chamar Prelazia de Nossa Senhora do Rosário do Guamá, com sede em Bragança, já anexada ao território.

Em 30 de junho de 1937, em uma de suas viagens à Itália, padre Eliseu doente e o padre Idelfonso Maria Clerici visitaram a Madre Geral das Irmãs do Preciosíssimo Sangue. Neste diálogo, foram expostas as condições reais da Prelazia e da função difícil de coadjutoria das freiras. A madre demonstrou interesse e simpatia pelo projeto e ficou de lhes dar uma resposta, após uma análise mais profunda.

No dia 9 de dezembro do mesmo ano, a Santa Sé nomeou o padre Eliseu Maria Coroli como Administrador Apostólico da então Prelazia de Nossa Senhora do Rosário do Guamá²³, cargo em que tomou posse no dia 30 de dezembro do mesmo ano. Nesse mesmo período, procurou seus superiores imediatos expondo a intenção de trazer para a Amazônia as Irmãs do Preciosíssimo Sangue com o objetivo de torná-las contribuintes em seus projetos, já que

“seriam estas religiosas-mães e mestras, ‘mulheres de trabalho e oração, como tão bem conhecemos – as primeiras educadoras das jovens caboclas que, formadas na sede principal da missão, daí voltariam para suas vilas’ ”.

(MERCÊS, 1984. p. 3)

O Prelado conseguiu a autorização e o envio de cinco irmãs para a missão em Bragança junto à madre das Irmãs Preciosinas na Itália, que chegam com ele no dia 12 de agosto de 1938, recebidos com festa pela população²⁴. Essas colaboradoras ocupavam-se com as gremistas de Santa Teresinha, com os doentes, com os estudos da Língua Portuguesa, cozinhar para si e para os padres, além de aulas de pintura e bordado com três ou quatro alunas internas.

²³ Nova denominação da Prelazia do Gurupi. Fonte pesquisada no arquivo da Cúria Diocesana de Bragança. Livro de tomo n.º 1, 1930-1946. p. 12. Hoje é a Diocese de Bragança do Pará.

²⁴ Na p. 27, do Livro de Tombo da Diocese de Bragança, n.º 1 (1930-1946), encontra-se o histórico sobre a vinda destas Irmãs com todos os pormenores desde a visita à Casa Geral, em Monza, na Itália.



A personalidade de Eliseu Coroli ganhou um novo impulso. Seus objetivos alargam o horizonte das proposições empreendedoras dos Padres Barnabitas e seus registros, tão bem conservados e com um envolvente mistério, o que nunca foi tão bem analisado por historiadores, fato que aumenta e atíça sobremaneira a curiosidade de muitos, ainda hoje. Ficamos muito com as observações do presente, com os discursos em torno da sua figura nos dias atuais, com entrevistas que o descrevem como pioneiro e como apóstolo da religiosidade e da educação nessas terras paraenses.

O discurso de Eliseu Coroli demonstra o tom claro dos trabalhos que pretendiam implantar a civilização católica junto aos povos encontrados nessas missões.

“Tarde Missionária (Fevereiro – 1938). Passará essa tarde com os nossos co-irmãos de Turim, de Voghera e com os alunos internos do Real Colégio “Carlo Alberto” de Moncalieri, o Padre Eliseu Coroli fazendo uma palestra ilustrada, com ilides (slides) sobre o tema: Os índios da mata virgem – A vida missionária com as suas fadigas, suas dores e as suas vitórias – o ambiente por nós inexplorado, os valores e as desventuras das criaturas humanas a quem o Missionário quer levar a civilização da Cruz (e) as iniciativas elevadas que a caridade dos resgatados permite realizar (em) prol dos não resgatados. Tudo passará pela tela esclarecida pelas palavras quentes do conferencista, que será a palavra imparcial da experiência”.

Sua relação com o poder estabelecido se deu de forma respeitosa e conveniente, já que seus discursos de implantação de uma nova lógica de civilização, circunscrita não somente ao ambiente religiosa, fato perceptível quando da análise documental. Um desses documentos traz as impressões acerca da influência do padre Eliseu Coroli, no Relatório do Exercício de 1939, à pagina 49, do prefeito municipal Augusto Corrêa, quando se reporta ao relacionamento entre a Prefeitura e a Prelazia do Guamá, no item “Religião”.

“CATÓLICA – I – Esta cidade é sede da Prelazia do Guamá e da Paróquia de N.S. do Rosário de Bragança. A prelaia tem por administrador apostólico Monsenhor Elizeu Corolli e a Paróquia como vigário e coadjutor



os padres Leopoldo Gerosa e Vitaliano Vari, respectivamente. (...) III – Mantemos as melhores relações com Monsenhor Eliseu Coroli, que se tem mostrado um esforçado pelas causas do ensino e da religião, auxiliando-o dentro das possibilidades do município.”

O relacionamento entre a Igreja a Prefeitura se dava de forma cordial, notando-se uma deferência especial de um poder para com o outro, já que se pretendia elevar o nível cultural do município e a sua cultura a partir do ambiente educacional.

Para aquela época, se faz necessário, por exemplo, contrastar essa memória e a documentação oficial com os trabalhos do professor e folclorista Armando Bordallo da Silva²⁵, que de certa forma atuou contra as vontades e objetivos do padre Eliseu Coroli. Armando Bordallo demonstrou e levantou dados de que existia uma cidade com um intenso teor cultural entre seus habitantes, ricos ou pobres, leigos ou padres, outra visão sobre Bragança, fruto de interessantes levantamentos etnográficos²⁶.

A fundação do Instituto Santa Teresinha

Os padres Barnabitas que trabalhavam em Bragança residiam na antiga residência do sacerdote diocesano Cônego Miguel Joaquim Fernandes, falecido em 1904, que a deixou de herança para a Arquidiocese. Quando da vinda dos Barnabitas a Bragança, o arcebispo doou o prédio para esta congregação, com um propósito de que não se desfizessem do prédio ou modificassem sua finalidade de moradia.

Quando Eliseu Coroli chegou a Bragança trazendo as primeiras Irmãs Preciosinas em 12 de agosto de 1938, os padres Barnabitas deixaram a casa e se

²⁵ Como por exemplo, o livro BORDALLO DA SILVA, Armando. *Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina*. Belém: Falângola Editora, 1981.

²⁶ São interessantes as preocupações de Raymundo Heraldó Maués, em seu livro *Padres Pajés, Santo e Festas* (1995), quando cita Clifford Geertz, sobre o significado de etnografia, como “uma descrição interpretativa do “fluxo do discurso social”, procurando preservá-lo e ‘fixá-lo em formas pesquisáveis’; na maior parte é, também, uma descrição ‘microscópica’ (In: GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.31).



mudaram para outra um tanto danificada, localizada no quadrilátero onde hoje está o Instituto Santa Teresinha e que funcionou como um posto dos Correios na cidade²⁷.

Foi por intermédio do Prefeito Municipal à época, Augusto Corrêa, do Juiz de Direito e de seus propósitos pessoais, padre Eliseu tomou à frente a fundação de uma Escola Normal apenas três meses depois de voltar da Itália. Ele visitou o Interventor Federal no Pará, José Carneiro da Gama Malcher, solicitando a equiparação dos cursos Primário e Normal da escola que ainda iria fundar com os da Escola Normal do Estado²⁸, obtendo resposta positiva mesmo sem todo o atendimento às exigências da época para o seu funcionamento²⁹. O interventor não só deu seu aval como providenciou junto a assessores, de forma gratuita, a documentação para a equiparação do Colégio.

No dia 23 de novembro de 1938, o Sr. José Carneiro da Gama Malcher assinou o decreto de equiparação à condição de Escola Normal do Colégio Santa Teresinha, notícia festivamente recebida pelos senhores bragantinos mais abastados, que antes enviavam seus filhos para a capital do Estado a fim de continuarem sua formação intelectual. As aulas só iniciaram no mês de fevereiro de 1939, com uma turma de dezoito meninas e um único menino. Foi, decisivamente, uma contribuição à Educação nesta região da Amazônia, permitindo a educação de uma vasta prole de meninos e meninas bragantinos e do interior³⁰.

O Colégio Santa Teresinha foi a terceira Escola Normal do Pará, depois das escolas da capital Belém e de Santarém. Em seguida à equiparação, Eliseu começou a comprar móveis, utensílios e materiais para o funcionamento da escola, visando atender uma vasta clientela da região. Para isso, ele logo organizou um internato. De acordo com COLARES (1988. p. 5.) *“no dia onze de dezembro de 1938, o jornal ‘O Bragantino’, publicava a primeira página, referindo-se ao decreto de fundação do colégio”*, que a cidade tinha mais um importante e útil melhoramento.

²⁷ Conforme informações colhidas em diversas entrevistas com as Irmãs Missionárias de Santa Teresinha, em pesquisas entre os anos de 2008 e 2009.

²⁸ A Escola Normal do Pará, hoje Instituto de Educação Estadual do Pará, foi criada pela Lei n.º 669, sancionada pelo Presidente da Província do Pará, Joaquim Machado Portela. Instalada em 13 de maio de 1871, funcionava numa dependência do Colégio Nossa Senhora do Amparo, no Liceu Paraense, hoje Colégio Paes de Carvalho.

²⁹ Conforme relatos orais da Ir. Janete Torres, missionária de Santa Teresinha, secretária do processo de beatificação de Dom Eliseu Coroli e responsável pela guarda dos documentos do Arquivo Coroli.

³⁰ Conforme a carta do padre Eliseu Coroli destinada às famílias bragantinas, de 26 de novembro de 1938.



O nome do Colégio não visava só homenagear a santa que na Igreja Católica é considerada a padroeira das Missões e atualmente doutora da Igreja, mas expressava toda a sua fidelidade cristã, ao confiar, sob o auxílio e intercessão da santa francesa, todos os trabalhos, chegando a constituí-la ecônoma do empreendimento, o que fazia padre Eliseu crer que todos os recursos necessários à conclusão da obra eram concedidos por intermédio de graças especiais providas da santa padroeira.

Percebemos o grande poder de organização desses padres, seja por sua formação, seja pela obediência aos desígnios e ordens internas de sua congregação religiosa. A tudo relatavam com uma precisão invejável e riqueza de detalhes, o que aconteceu na fundação do colégio, inclusive com a ideia dos sujeitos a serem educados e formados pelos padres, num forte simbolismo, conforme escreve o próprio Eliseu.

*“Jesus Menino sorri sobretudo a todas as crianças... Ao lado do Menino Jesus, portanto, no Menino Jesus eu vejo todos os milhares dos meus... ou melhor dos nossos meninos... São crianças brancas, são amarelinhas, são escuras, são negras, são de todas as cores, de todos os matizes sepultadas no fundo das matas... Diante do presépio de Jesus Menino não se pode deixar de amá-las, de fazer todos o sacrifícios para a salvação das suas alminhas”.*³¹

As professoras do curso primário e primeiras colaboradoras diretas de Monsenhor Eliseu, no Colégio Santa Teresinha, foram Theodomira Raimunda da Silva Lima e Isabel Ribeiro de Almeida, professoras que vieram para Bragança com suas famílias, lembradas em Bragança pela disciplina e rigor técnico.

De um lado, as professoras acreditavam no projeto educativo do religioso – dedicando-lhe tempo, trabalho, acompanhamento dos alunos, etc. – com a prestação de serviços. De outro, com a confiança do religioso em se apoiar no trabalho dedicado das professoras leigas, suas colaboradoras na organização daquele ano escolar, e na parceria obtida para que sua obra fosse levada adiante, até que a finalidade primordial do seu

www.veredasdahistoria.com

³¹ Conforme tradução dos escritos de Dom Eliseu, 2001. Arquivo Coroli. p. 44.



colégio se completasse: *“preparar jovens, que levando uma vida consagrada a Deus, ajudassem na evangelização de sua terra”*³².

Eliseu Coroli encontrou na sua congregação de origem, a dos Clérigos Regulares de São Paulo ou Barnabitas, o apoio para a construção de um prédio específico para o Colégio Santa Teresinha, firmando um convênio que em seu primeiro item especificava que *“a Prelazia do Guamá concede à Congregação dos Clérigos Regulares de São Paulo Apóstolo (Barnabitas) e faculdade de construir com suas despesas e em sua propriedade, um Colégio, na cidade de Bragança”*³³.

Mesmo apoio encontrou no seio da sociedade bragantina, pelo seu conhecimento e entrosamento social e político. Até nos recolhimentos de esmolas e ofertas das igrejas, onde porventura estivesse celebrando missas fora do Estado, organizavam-se doações para a construção do Colégio Santa Teresinha³⁴.

Em 1º de dezembro de 1939, uma reunião dos Padres Barnabitas consultores da Prelazia findaria por decidir pela edificação do prédio para abrigar o colégio³⁵. Para um empreendimento desta envergadura, o então Administrador Apostólico iniciou a compra dos terrenos no quadrilátero onde se situa atualmente o Instituto Santa Teresinha, entre a Praça das Bandeiras à frente, Travessa Padre Gerosa por trás, Avenida Nazeazeno Ferreira (antiga Rua da Liberdade) à direita e Rua Treze de maio à esquerda, no centro urbano de Bragança.

O lançamento da pedra fundamental do Instituto Santa Teresinha foi realizado numa pomposa e participada celebração no dia 05 de julho de 1940. É bastante interessante a carta do já bispo Eliseu acerca desse fato, à Itália, possivelmente em agosto ou setembro de 1940.

“Devemos confessar que foi uma coisa muito solene. No mesmo dia festejamos o IV Centenário da morte do nosso santo pai. Por disposição do prefeito da cidade, o comércio ficou fechado até às 9 horas, afim de que todos pudessem participar das funções. A festa foi muito animada. Às 6 e

³² Retirado de *Os Cinquenta Anos do Instituto Santa Teresinha*. Bragança, 1988. p. 3.

³³ Cf. COLARES, op. cit. p. 125.

³⁴ Conforme informações colhidas em diversas entrevistas com as Irmãs Missionárias de Santa Teresinha, em pesquisas entre os anos de 2008 e 2009.

³⁵ Livro de Tombo da Diocese de Bragança, n.º 1 (1930-1946). p. 41.



*meia saía da Igreja paroquial uma bonita procissão, composta pelas Associações Religiosas e confrarias. O Apostolado da Oração levava a imagem de Sagrado Coração de Jesus, os jovens da Ação Católica do Colégio levavam a imagem de Santo Antonio Maria Zacaria e as crianças do colégio, a de Santa Teresinha”.*³⁶

Entretanto, a rigidez no ensino e na doutrina existente no Colégio Santa Teresinha foi atenuada com elementos novos. Eles seriam as diversões permitidas e entendidas como salutares. Destacaram-se nessas diversões as peças teatrais, que em diversas ocasiões foram apresentadas a um público externo aquele do colégio, como autoridades, por exemplo. Era conhecido o apreço pela arte dramática que o bispo de possuía, não menor à música, e que permaneceu por toda a sua vida.

O objetivo de atingir a juventude com os preceitos católicos moralizadores continuava a merecer a atenção do bispo prelado, um contexto próprio da discussão educacional, cujo desenvolvimento, evidentemente, está relacionado aos condicionantes sociais, políticos e econômicos. Podemos perceber que, desde a inauguração do colégio, o discurso utilizado por Eliseu sempre foi conduzido pela valorização da autêntica educação cristã como sustentáculo da sociedade e a formação de catequistas como um embasamento da fé católica.

A juventude seria, portanto, uma força que poderia ser facilmente aproveitada para o bem da religião. E, segundo o pensamento desse prelado, o modo adequado para essa juventude contribuir para a religião seria incentivá-la na prática de princípios sãos, aos sentimentos elevados da piedade, à noção do dever e ao respeito para com os superiores civis ou religiosos³⁷.

Entretanto, se deixada a inclinar-se para comportamentos diferentes daqueles, estaria ela se desviando do caminho imaculado da religião. Assim, se a educação não fosse baseada nos moldes da moral cristã, acreditava Dom Eliseu que a formação de homens e mulheres úteis à família e à sociedade estaria comprometida.

³⁶ Conforme tradução dos escritos de Dom Eliseu, 2001. Arquivo Coroli. p. 49.

³⁷ Segundo OLETO, Leila do Socorro Rotterdam. *Eliseu Coroli, o educador de educadores: perspectivas educacionais pioneiras de influência barnabítica na Região Bragantina, no início do século XX*. Monografia. Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Bragança: Universidade Federal do Pará, 2004.



Desse modo, é possível apresentar um perfil do professor e do educador Eliseu Coroli como o responsável pela condução dessa formação: o trabalho, pois, do educador, não era outro senão o de vigiar as más tendências, tentar corrigi-las com meios mais adequados e até brandos já ao primeiro despontar assim como incentivar bons propósitos, estimulando os alunos ainda jovens para as práticas virtuosas e para o trabalho.

Outra característica, talvez a mais marcante e surpreendente para seus contemporâneos, pelo menos nos relatos orais em entrevistas sobre Eliseu Coroli era a manutenção de um sorriso constante, muito próprio e adquirido em sua formação educacional por influência do humanista Vittorino de Feltre, o que encantava a todos os que o acompanhavam ou por ele eram acompanhados, desde os tempos do Colégio Santa Teresinha.

Um claro exemplo das intenções pioneiras de Dom Eliseu se deu quando do início das aulas noturnas do Instituto Santa Teresinha e que ele deixou registrado em carta, como um relatório, destinada à Itália em 20 de fevereiro de 1941.

“A Escola Normal de Bragança.

No curso Normal temos 47 alunas, no curso Primário pouco mais de oitenta.

As alunas internas são umas trinta.

Em 1º de março começaremos uma Escola noturna (a noite, logo depois do por do sol, na mesma hora, cada dia do ano, é já noite escura) para os empregados do comércio de Bragança. Podemos assim reunir também um pouco de jovens, que estão muito longe das práticas religiosas”.

Situam-se dois elementos simbólicos fundamentais da identidade³⁸ do educador em questão: o sorriso e a formação integral. Com relação à comprovação disso, no monumental conjunto dos quadros de formatura, elevados na sala de entrada principal,

³⁸ Para Stuart Hall, a noção de identidade está relacionada com “pessoas que se parecem”, “sentem a mesma coisa” ou “chamam a si mesmas pelo nome”, como referencial, mesmo que não satisfazem totalmente os pressupostos de sua compreensão. Desta forma, “a identidade é sempre vista da perspectiva do outro”. Conforme HALL, Stuart. “Old and new identities, old and new ethnicities”. In: KING, Anthony D. (Ed.). *Culture globalization and the world-system*. Londres, LacMilan, Nova York: State University of New York, 1993.



no segundo pavilhão do Instituto Santa Teresinha, se pode ler “*Semear a alegria*” (1943) e “*Ensinar para alegrar*” (1948)³⁹ junto à filosofia da escola por ele anunciada de que “*Educar é não somente instruir. Instruir bem e preparar para a vida*”.

Nem todos os professores e colaboradores da época, sendo padres ou freiras, possuíam esse mesmo espírito, mas foi ele, como idealizador do colégio, quem traçou e escreveu as normas da escola, exigindo metodicamente de todos os seus auxiliares na educação, uma postura de bom professor, ao menos para a época. A concepção de ensinar sai da dimensão da ação e da interlocução e passou ao plano da pregação, da catequização como numa espécie de abnegação, de uma missão apostólica.

Até mesmo um prefeito amigo de Dom Eliseu e colaborador da obra do Instituto Santa Teresinha, legitimou os conselhos e objetivos do barnabita. Como uma das fontes para se analisar o assunto, encontramos também um atestado administrativo de Oscar Aciolli de Vasconcelos sobre o colégio, certamente, com a finalidade de lembrar e certificar a validade da proposta e do poder do padre Eliseu, uma aliança necessária com o poder constituído na cidade.

*“Eu, abaixo assinado, Oscar Aciolli de Vasconcelos, Prefeito Municipal de Bragança, atesto de ciência própria, que (...) a abertura do Ginásio Sta. Teresinha (...) a satisfação foi geral: não somente para Bragança como também para as pequenas cidades vizinhas. (...) O Ginásio Sta. Teresinha (e) o Instituto Santa Teresinha tornaram-se uma verdadeira necessidade para toda a zona da Estrada de Ferro de Bragança além de Vizeu e o Guamá. O número de alunos, relativamente, avultado e em contínuo aumento está a demonstrar que não é mais possível fechar o dito Instituto e muito menos, o Ginásio. (...) Atesto que correspondem fielmente à verdade (...)”*⁴⁰

Com relação a isso, Dom Eliseu procurou legitimar sua atuação educacional através das relações com o poder, de certo ponto, de maneira impositiva, enquanto um

www.veredasdahistoria.com

³⁹ Observações a partir da visita ao Instituto Santa Teresinha, onde se encontram esses quadros.

⁴⁰ Dados obtidos em pesquisa no Arquivo Histórico e Documental da Prefeitura de Bragança.



agente em situação de poder, impondo sua maneira de conceber e de ver o mundo, especialmente junto à classe média da sociedade bragantina⁴¹.

Sagrado bispo em 13 de outubro de 1940, Dom Eliseu já contabilizava inúmeras viagens ao interior da prelazia, inclusive aos índios da região, obras em construção – como a do Instituto Santa Teresinha –, a parceria com o poder público local e ações de evangelização que fazem parte hoje do seu patrimônio como sacerdote e administrador, especialmente pela constituição de sua principal obra religiosa: suas queridas “filhas” reunidas na Congregação (sociedade e depois instituto) das Irmãs Missionárias de Santa Teresinha, a salvaguarda do patrimônio Coroli.

A questão do Colégio, a mobilização popular e algumas contrariedades

Um fato é marcante na década de 40 e que marcou as ações de Eliseu Coroli na Educação bragantina: a questão da posse do Colégio Santa Teresinha pelos militares no período da II Guerra Mundial.

A obstinação de Monsenhor Eliseu Coroli pela educação foi tamanha a ponto de remeter ao Ministério de Educação e Saúde Pública (criado em 14 de novembro de 1930) os relatórios quantitativos e qualitativos de atividades e de resultados, em nome da Prelazia do Guamá, então órgão mantenedor do Colégio Santa Teresinha, chamando atenção ao modelo disciplinar que estava em vigor no país. Seus relatórios podem se constituir como provas de um trabalho ordeiro e obediente às normas legais impostas com o Estado Novo. Mas nem tudo foram sucessos.

Segundo os documentos encontrados e correspondências, em 07 de outubro de 1941, Dom Eliseu escreveu aos seus padres sobre o estado de alerta que o envolvia e aos padres de origem italiana, recomendando prudência e colaboração com as autoridades brasileiras, já que estavam rompidas as relações diplomáticas entre o Brasil, a Itália e a Alemanha. Ele recrutou seus padres na observância às leis brasileiras e no seu fiel cumprimento, como proteção individual e avisou do perigo da campanha da

⁴¹ Segundo análises a partir de Bourdieu, a cultura dominante pressupõe a imposição de valores sobre as demais culturas, mediada por conflitos simbólicos, já que o instrumento desses conflitos é a “injunção da definição legítima do mundo social”, tornando-o o arbítrio cultural de uma classe em cultura legítima. Cf. BOURDIEU, Pierre *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 61ss.



imprensa brasileira contra os padres de outra nacionalidade em especial italianos e alemães, e do sério risco de que esses padres fossem transferidos para a capital do Estado.

Com uma riqueza impressionante de detalhes em seus escritos, hoje em uma documentação diversificada em cartas, ofícios, anotações pessoais e anotações religiosas, Eliseu deixou um valioso registro quando a questão da tomada do Instituto Santa Teresinha pelo Exército, ao dizer que *“perdemos o nosso Colégio, mas não perdemos a nossa alegria e nem a nossa paz. Vamos construir outro”*⁴².

Em 22 de novembro de 1942, uma comissão militar liderada pelo major Luís Pires de Camargo e pelo capitão Dias Neves visitou o prédio do Colégio Santa Teresinha ainda em construção levado pelo prefeito Augusto Corrêa, considerado adequado para a instalação de uma unidade militar⁴³, solicitando ainda que a residência dos padres servisse de moradia para as autoridades do Exército que ficariam em Bragança.

No final de dezembro de 1942, Eliseu foi chamado à Belém pelo coronel Euclides Zenóbio da Costa, comandante da 8ª Região Militar, que exigiu a cessão do prédio do Colégio em construção pelo valor total de seiscentos e vinte mil cruzeiros, ficando por conta da então prelazia a finalização da obra. É interessante que nesse sentido, o general fez o bispo compreender que não estava disposto a discutir a questão, deixando claro que tinha outros meios para resolver o impasse caso Coroli não cedesse o Colégio. Dom Eliseu ouviu as opiniões de padres como Paulo Beloli e Afonso di Giorgio, além do engenheiro Cláudio Chaves sobre a questão, aceitando depois a proposta de venda e de assumir o término da construção⁴⁴.

Eis que em janeiro de 1943, o primeiro contingente do 35º Batalhão de Caçadores ocupou o Colégio e construção e o seu quintal. A saída apontada pelos padres Barnabitas em reunião era a de construir um novo prédio que serviria a fins educacionais do Instituto Santa Teresinha, no terreno ao lado da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário ou nos fundos do prédio tomado. As aulas daquele ano, iniciadas

⁴² Conforme informações colhidas em entrevistas com a Ir. Janete Torres, mst., no mês de agosto de 2008.

⁴³ Outro prédio tomado pelo 35º Batalhão de Caçadores foi o a do Grupo Escolar Monsenhor Mâncio Ribeiro, em Bragança, conforme relatos em entrevistas com diversos bragantinos.

⁴⁴ Livro de Tombo da Diocese de Bragança, n.º 1 (1930-1946). p. 47.



em 1º de fevereiro de 1943, se deram numa casa alugada por trezentos cruzeiros junto ao Sr. Abraão Moisés, em frente à então Matriz.

Em 21 de fevereiro de 1943, Dom Eliseu foi notificado da nomeação de Joaquim Magalhães Cardoso Barata como interventor federal em substituição a José da Carneiro da Gama Malcher. O prefeito eleito era Joaquim Lobão da Silveira, que era professor do colégio e que assumiria o cargo em substituição a Augusto Corrêa.

Esse fato deu início a uma mobilização popular, conforme o texto de um telegrama dos bragantinos ao interventor federal com trezentas assinaturas pedindo a devolução do prédio do colégio à Prelazia. Com a chegada de um novo comandante para o batalhão em Bragança, Francisco de Paula Cidade, em 03 de junho de 1943, Dom Eliseu participou da recepção ao general, com saudação feita por uma aluna do Colégio e um desfile de alunos. A Prefeitura ofereceu um banquete de acolhida ao general, que visitou o prédio e dirigiu uma fala às Irmãs Preciosinas e às alunas, sem referir-se à questão do prédio, um grande problema a ser resolvido.

Nesse ínterim, o Ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, enviou um ofício ao comandante da 8ª Região Militar, autorizando-o a desfazer os atos iniciais da desapropriação do imóvel. A negociação pela devolução do Colégio a Dom Eliseu duraria ainda mais um ano, quando em 29 de dezembro de 1943 ele recebeu a proposta do então comandante oferecendo a devolução do prédio mediante o pagamento integral de trezentos mil cruzeiros, quantia que foi providenciada por Eliseu e seus padres.

Somente em 04 de março de 1944, Dom Eliseu e o padre Luís Gonzaga Freire de Almeida, que era diretor do Colégio Santa Teresinha, foram recebidos no quartel pelo general Francisco de Paula Cidade, quando o bispo entregou ao general a quantia pretendida, através de um cheque que devolvia a quantia recebida do Exército para a conclusão da obra e que asseguraria novamente a posse do Colégio à Prelazia, que havia sido desapropriado para o 35º Batalhão de Caçadores. Vinte dias depois, um decreto presidencial de Getúlio Vargas anulou a desapropriação do prédio em Bragança, onde permaneceram ainda cerca de trezentos soldados, que só saíram de Bragança em 16 de fevereiro de 1945, ao final do conflito mundial⁴⁵.

⁴⁵ Cf. COLARES, op. cit. p. 85ss.



Dom Eliseu foi um atento observador da legislação da Educação no período de fundação do Colégio Santa Teresinha e ainda dos momentos em que estava com as autoridades políticas e militares do Estado, como tomou nota em Livros de Tombo, atestando sua preocupação com exames dos documentos e cursos ofertados pela escola, por exemplo, quando notificou seus padres da visita do Inspetor Federal e do Inspetor de Educação ao colégio, em 17 de dezembro de 1943, relatando que este último “*passou várias horas examinando documentos, provas de alunos, livros etc. e que manifestou ótima impressão*”, ou ainda quando ofereceu, na mesma data um banquete para recepcionar o Interventor Federal, dizendo que “*ele ficou admirado com a nossa Escola*”.⁴⁶

A notícia da inauguração do prédio do Instituto Santa Teresinha veio no convite de formatura da primeira Turma de Normalistas, de janeiro de 1944. Segundo Bolívar Bordallo da Silva, o edifício era um prédio “de 3 pavimentos, de construção sólida e estilo gótico, com capacidade para 300 alunos”⁴⁷. Em seguida, um problema chamou a atenção, quando da possibilidade de ampliação do terreno da escola. Em 1944, o Grêmio Bragantino, fundado em 1933 e liderado pelos bragantinos Armando Bordallo da Silva, Bolívar Bordallo da Silva, Luiz Paulino dos Santos Mártires e Franco Mártires, da geração da famosa Revista Bragantina⁴⁸, iniciou uma campanha contra o propósito do bispo Coroli.

O caso era o da construção do muro na parte externa do Colégio Santa Teresinha e resultou na acusação de que Dom Eliseu obrigara os moradores do quarteirão vizinho ao prédio da escola a venderem suas moradias por um valor abaixo do preço de custo, além de que tal construção atentaria contra a estética da cidade.

E em registro no tomo prelatício de 1944, se nota a preocupação de Dom Eliseu Coroli em se defender da acusação.

⁴⁶ Conforme Carta Circular n.º 16, de 17 de dezembro de 1943, no Arquivo da Cúria Diocesana de Bragança.

⁴⁷ BORDALLO DA SILVA, Bolívar. *Cronologia Bragantina: um capítulo na História da Amazônia*. Inédito. Bragança: 1954.

⁴⁸ A Revista Bragantina, em três edições, publicada nos anos de 28, 30 e 31, sob a chefia dos irmãos Bordallo da Silva (Armando e Bolívar), já que pertencia ao Grêmio Estudantino, órgão fundado por eles. Na década de 50, ela torna a circular com mais uma edição, desta vez com a organização de Jorge Ramos, Luiz Paulino dos Santos Mártires e Quintino Leão. Outro meio de circulação foi o “Almanach”, dos irmãos Bordallo da Silva, que foi publicado entre 1937 a 1940. Esses periódicos traziam amenidades e uma série de informações que compuseram uma faceta da imprensa bragantina no início do século XX e suas variadas edições circularam entre 1928 e 1950.



“É falso. Ninguém foi obrigado a vender e, sim, convidado: quem não aceitou o convite, ficou em sua barraca. Não foi a Prelazia que determinou o preço e sim, o Dr. Lobão da Silveira, Prefeito do Município quem o apresentou aos interessados. Quanto a estética foi o próprio prefeito quem convidou a Prelazia a fechar a rua a qual passa atrás do Instituto”.

Devido a isso e com as informações prestadas por Luiz Paulino dos Santos Mártires, Presidente do Grêmio, em Belém, o Interventor Magalhães Barata mandou suspender a construção do muro do Instituto Santa Teresinha, o que vem a calhar no que se refere às finanças da prelazia, que não possuía recursos para continuar a empreita. Contudo, era objetivo do bispo ter um terreno maior, mesmo porque já existia um novo prédio aos fundos da escola construída, onde já estavam funcionando a casa das Irmãs Preciosinas, que o auxiliavam na escola.

Segundo Bolívar Bordallo da Silva, a imprensa da época noticiou,

*“Em significativo e decidido protesto contra os padres da Prelazia do Guamá, que fecharam de forma absurda e ilegal a Travessa Aureliano Coelho entre as ruas da Liberdade e 13 de Maio, apropriando-se subrepticamente de um trecho dessa via pública (patrimônio municipal e servidão pública) sob a graciosa alegação de que eram proprietários dos terrenos marginais da referida travessa e que precisavam da área para o funcionamento do Instituto Santa Teresinha, a população da cidade de Bragança, justamente indignada arrasa o muro que os Padres haviam construído naquele trecho, como a bastilha de um despotismo clerical ali inaugurado”.*⁴⁹

Esse fato só é resolvido a partir dos últimos três anos da década de 1940, quando vários outros assuntos iriam perturbar a até então tranquila administração do bispo Coroli. Com a posse de Oscar Aciolli de Vasconcelos, em 15 de março de 1948, no

⁴⁹ Cf. BORDALLO DA SILVA, Bolívar. 1954. op cit.



cargo de prefeito de Bragança, solenidade abrilhantada com a presença do então governador do Estado major Moura Carvalho, se constata a necessidade de entregar à prelazia o quarteirão nos fundos do colégio e de fechar a rua que separa os dois quarteirões, liquidando o assunto a favor do bispo, no tomo de 15 de março de 1948, numa *“Cousa notável: na festa do Sr. Prefeito, não obstante a embriaguez, a vitória política e a presença de pessoas de Belém, não houve bailes. À noite deste dia, houve um festival”*.

Sobre as querelas desse acontecimento, em particular, notou-se certo silêncio em outras fontes, tais como nos relatos orais acerca de Eliseu Coroli ou mesmo em seus registros particulares. Todo esse conjunto de documentos do segmento biográfico, ao lado das memórias, permite a compreensão de como os indivíduos experimentam e interpretam as situações e a vida em sociedade, mas é possível acreditar que realmente tenham ocorrido, mesmo não sendo rememorados no tempo presente por seus contemporâneos, não maculando a imagem do bispo. É importante salientar, ainda, que os documentos como alguns já disseram, não falam por si, os historiadores obrigam que eles falem, inclusive, a respeito de seus próprios silêncios. E para realizar tal procedimento, utilizamo-nos de teorias e de procedimentos metodológicos que são, por sua vez, lugares de linguagem, modos de narratividade. (DECCA, 1998. p. 23).

Nesse sentido, Eliseu foi decisivamente atuante ao estimular uma formação escolar ligada nos preceitos do Estado brasileiro e de congregação religiosa missionária em região de missão além-fronteiras, afirmando seus empreendimentos como o Instituto Santa Teresinha. A cidadania, pleno exercício de direitos e deveres, como se concebe, se enquadrava até mesmo no lema de seu Instituto – *“por Deus e pela Pátria”* – para ajudar a todos na reflexão, como cita seu confrade barnabita:

“Dom Eliseu não era político, mas sabia que a política podia lhe ajudar no desenvolvimento educativo, econômico e social da terra. Era o instrumento de Deus para realizar o que faltava, e nas mãos da Prelazia tudo dava certo.



*Nas mãos dos políticos nada crescia; nas mãos da Prelazia tudo se realizava, era natural, pois ninguém de nada se aproveitava”.*⁵⁰

Premissas conclusivas

Em oitenta e dois anos de vida, cinquenta e dois deles dedicados à Região Bragantina, Eliseu Coroli construiu aquilo que podemos hoje denominar de “*patrimônio Coroli*”, não só um patrimônio físico, como demonstra as imponentes obras por ele fundadas em Bragança e que até hoje beneficiam expressivamente a população, mas também um patrimônio espiritual que foi o propósito da missão na Amazônia, pelos padres Barnabitas que desejavam salvar os caboclos de toda forma de analfabetismo, principalmente do conhecimento de Deus e da religiosidade.

Seus ex-apostólicos afirmavam que o padre Eliseu era muito exigente na disciplina e na responsabilidade, porém, conservava uma amizade por todos. Dividia com eles os trabalhos, os jogos e ajudava especialmente os mais fracos nas disciplinas em que apresentavam dificuldades, principalmente em Matemática, a qual o tornou celebrizado anos mais tarde, quando da sua atuação como professor desta disciplina no então Colégio Santa Teresinha, de Bragança, nos idos de 1940.

Padre José Meireles Sisnando continua seu depoimento

“segundo ouvi dizer, antes da vinda para o Brasil, Pe Eliseu estudou pedagogia com eminente Barnabita. Era natural que cheio de ardor juvenil, procurasse utilizar os conhecimentos pedagógicos”. (COLARES, 1997. p. 32)

Podemos começar a vislumbrar o perfil educador de Eliseu Coroli que em Bragança queria tão somente ajudar no crescimento do povo que lhe foi confiado, em fé e em educação, assim como em outras obras que ele criaria nos anos de sua atuação, conseguindo esses feitos até mesmo com a atuação política e social que lhe era

⁵⁰ Cf. BRAMBILLA, Luciano; MEIRELES, Vera Maria de Barros; SILVA, Leida Almeida da. *Vocação*. Belém: s.e., 2003. p. 26.



conveniente à época, não somente em questões do âmbito educacional, mas sobretudo cultural.

Amparados pelos trabalhos do eminente professor e antropólogo Raymundo Heraldo Maués⁵¹ (1999), podemos afirmar que os padres abominaram “a ignorância religiosa” dos caboclos e atuaram de forma a desmontar e criar outra lógica sobre a cultura popular (rituais, festas e comemorações), fato comprovado quando se pretende analisar Bragança na atualidade, conseguindo o reforço de sua autoridade na dominação ideológica educacional e mantendo a força de sua intervenção sobretudo no benefício à elite e à classe média bragantina, seja quando edificaram obras e patrimônios físicos, seja quando apresentaram sua proposta de salvação cristã, o que por inúmeros exemplos, às vezes, atestaram o seu próprio contra-testemunho.

No decorrer do trabalho notou-se a importância que este padre barnabita alcançou na região em que atuou. Sua presença é marcante nas obras que fundou e no pioneirismo da formação de professores no interior do Pará, sempre com uma intencionalidade cristã, com métodos eficientes para que esta se mesclasse com as intenções de melhoramento em geral das condições de vida social, econômica e cultural da população destes arredores da Amazônia.

Com esta forte e constante carga espiritual, Eliseu Coroli, um homem místico, mas também um líder religioso criou obras de apostolado em prol das necessidades mais evidentes do período entre as décadas de 30 e 60 em Bragança. Em menos de 30 anos, por exemplo, seu trabalho na educação à distância, chegava a 950 filiais das escolas radiofônicas e a mais de doze mil alunos matriculados no Sistema Educativo Radiofônico de Bragança (SERB). Fala-se hoje de suas obras como exemplo de virtuosismo de sua experiência como padre, bispo e administrador apostólico da imensa extensão territorial da extinta Prelazia do Guamá, hoje Diocese de Bragança.

Esse cuidado e o aperfeiçoamento na educação e na manutenção de uma obra de tamanha magnitude – não somente do Instituto Santa Teresinha – foi bastante eficaz para a sua permanência no território nacional, já que, por ser italiano, poderia sofrer as sanções do Estado varguista, que via na presença desses imigrantes a proliferação de

⁵¹ Cf. MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Uma outra “invenção” da Amazônia: religiões, histórias, identidades*. Belém: CEJUP, 1999.



idéias anarquistas, sindicalistas e comunistas, por serem representantes de uma possível desordem social que o Estado visava eliminar ou perseguir, além do rompimento de relações diplomáticas entre o Brasil e a Itália.

O tempo histórico em que Eliseu Coroli atuou poderia até não ter permitido atitudes tão ousadas na educação de jovens, em especial, de novos professores. Esse aperfeiçoamento de orientações, que incluía a permanência de modelos europeus e de cunho religioso na sua atuação educacional foi pioneiro no Brasil e na Região Bragantina nas primeiras décadas do século XX.

No caso de estudos sobre História e Educação, a diversificação das fontes para analisar e interpretar o objeto trouxe contribuições significativas para a qualidade do resultado, e a partir de uma maior abrangência de espaços de análise metodológica, é possível construir um conhecimento mais acurado da realidade estudada.

Chamam a atenção os fatos que ilustram e reforçam esta ação desenvolvida no colégio e na congregação que fundou estão contidos na visita de meia hora concedida a ele pelo Sumo Pontífice Paulo VI, de 6 de fevereiro de 1975, na qual Eliseu relatou a alegria de ser missionário, o que o próprio pontífice fez questão de realçar, como segue.

“Na quarta-feira seguinte, dia de cinzas, num sermão quaresmal na Basílica de São Pedro, Paulo VI referiu-se ao pensamento que o nosso bispo lhe havia ilustrado, publicado depois no L’Osservatore Romano: ‘Um missionário, que nestes dias, veio visitar-Nos, falava-Nos dos resultados felizes de uma iniciativa, seu intitulado Apostolado da Alegria. Porventura não é esta uma autêntica e sábia interpretação do Evangelho, mensagem da boa nova?’ (BARNABITAS NO BRASIL, 2003. p. 101).

Encontramos este modelo encarnado na profissão de votos da congregação criada por ele, com ênfase aos votos de castidade, pobreza, obediência e, no notadamente autêntico, apostolado da alegria, já que Dom Eliseu desenvolvia um trabalho pedagógico pautado na alegria, no prazer e bem-estar, o que era fundamento de sua espiritualidade desde a juventude, tanto que *“no seu emblema episcopal quis o*



lema: *'Filhinhos paz e alegria' e nas suas cartas apareciam sempre jaculatórias⁵² e invocações a Jesus, Maria e José: alegria, amor e vida⁵³'*.

Como também enfatiza o bispo Andrea Maria Erba, de Velletri, Segni (Itália), na dedicação de Eliseu às crianças e com afeto especial às famílias, inclusive dividindo com elas as responsabilidades na formação integral de seus filhos, para obterem os lucros de uma educação segura e capaz de formar os cidadãos. D. Andréa destaca esse fato apoiando-se nas obras de Eliseu como missionário na Região Bragantina, como bem o faz no Jornal L'Osservatore Romano, à página 4, da edição italiana do dia 9 de fevereiro de 2000, data em que Eliseu Coroli completaria seu centésimo aniversário, quando

"edifica belas Igrejas e capelas, jardins de infância e escolas. Dedicou-se à formação de novos leigos do povo de Deus, com olhar de predileção para as famílias e crianças".⁵⁴

Assim, ao analisar Eliseu Coroli, não podemos diferenciar, ou até mesmo separar, o homem religioso do administrador, pela essência da própria natureza religiosa e sociológica que via na escola uma família, fato demonstrado nos documentos e regulamentos que escreveu e, em especial, ao fato de chamar todos os alunos, indistintamente, de *"minhas crianças"*, expressão carinhosa que perdurou por toda a sua trajetória, até os últimos dias de sua vida⁵⁵.

Evidentemente, para dar resposta a certas lacunas da História da Educação, como as aqui levantadas, há que se atentar aos que nos dizem os documentos biográficos, assim como às memórias e registros pessoais, que não podem ser considerados como reflexos passivos de uma personalidade individual, isolada, mas

⁵² Jaculatória: frase, palavra religiosa, indulgência.

⁵³ Conforme textos extraídos dos arquivos da Cúria Generalíssima dos Padres Barnabitas em Roma, Itália.

⁵⁴ Conforme tradução dos escritos de Dom Eliseu, 2001. Arquivo Coroli. p. 127.

⁵⁵ Impressões colhidas em entrevistas orais a respeito do comportamento de Eliseu Coroli, no decorrer da pesquisa, em visita ao Arquivo Coroli e arquivo particular da Secretaria do Instituto Santa Teresinha. Segundo seus contemporâneos, esta expressão própria do bispo vinha acompanhado pelo gesto, também particular, de "esfregar as mãos" enquanto conversava.



numa leitura da própria realidade social experimentada. Nesse sentido, uma orientação é cabível.

“Apesar da impossibilidade de se recuperar muitos acontecimentos, experiências e vivências do ser humano, também temos que convir que desde os tempos imemoriais os homens produziram (e ainda produzem) artefatos, documentos, testemunhos, monumentos, entre outros, que tornam possível o entendimento do homem sobre sua própria trajetória. São exatamente esses registros históricos que constituem os documentos, os testemunhos, os monumentos usados pelo historiador para se aproximar e tornar inteligível seu objeto de estudo.” (LOMBARDI e NASCIMENTO, 2004. p. 156).

No cruzamento das informações das fontes pertinentes ao objeto, mesmo ao tratar de diferentes representações que estão em torno de relações sociais, é possível identificar uma coerência no pensamento e nas ideias de seus elaboradores, o que nos permite comunicar uma realidade sob pontos de vista contrapostos. No entanto, nessa abordagem, não nos deparamos somente com impressões favoráveis em relação aos Padres Barnabitas ou diretamente a Dom Eliseu Coroli, como o comentário encontrado no jornal intitulado “Matuto Ilustrado” quando um contemporâneo da década de 1940 que assinava pela alcunha “Thomaz de Aquino” dá uma opinião ambígua sobre a forma de atuação e empreendimentos dos padres, o que se choca com diversos pensamentos e afirmações que se tornaram hegemônicas em favor desses religiosos.

“(…) Negar que os padres Barnabitas trouxeram um novo surto de progresso intelectual às novas gerações e em rasgos de uma ousadia dinâmica que ultrapassa as raias do heroísmo, terem levantado construções que são outros muitos tantos templos majestosos e imponentes, elevando Bragança ao nível de cidade moderna, seria decair na mais vil degradação para justificar a opinião, de espíritos de contradição aferrados a suas idéias retrogradadas e incongruentes...” (No Patal, 14.11.1949).⁵⁶

⁵⁶ Jornal do Caeté, 20.11.1949, n.º 180, In: SILVA, Dedeval Brandão da. *Os Tambores da Esperança: um estudo antropológico sobre a construção da identidade na Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança*. Belém: Falângola Editora, 1997. p. 42.



Dom Eliseu é ainda lembrado pela imagem de um educador que exigia, vigiava, ditava regras metódicas, mas que era maleável e sensível em algumas oportunidades, não alterava a voz, não brigava, mas levava à reflexão, ao aconselhamento a quem educava com doçura e mansidão pois,

“Que conheçam e amem realmente nosso Senhor Jesus Cristo e a Virgem Maria e aos que assim alcancem a salvação eterna. O que nos interessa é exatamente isto! (...) Doçura não é fazer todos os caprichos da criança... Consiste na paz revestida de bondade, de compaixão, de desculpa, de perdão. Consiste na calma, no domínio de si mesmo; consiste nas palavras apropriadas. Consiste no modo delicado... No sorriso sobrenatural. Consiste sobre tudo no amor que dedicamos à criança, por amor a nosso Senhor Jesus Cristo. A paciência é estátua fria, calada, não castiga também não acaricia, não repreende também não anima. A doçura é “bom humor” constante: sempre sereno e sempre alegre. (FERNANDES, 2003. p. 42)⁵⁷

Isso, por fim, acabou abrindo espaço para a afirmação, em nossa região, do “modelo Coroli”, que o tornaria um símbolo para uma época, num mosaico muito bem construído e que atendeu aos apelos que a Educação necessitava nas terras de missão no início do século XX e que, no imaginário popular, seria o grande benfeitor da sociedade bragantina e regional, a exemplo do próprio Pai Celeste.

Nas impressões colhidas por ocasião dos 70 anos do Instituto Santa Teresinha, em 2008, lemos a notícia dos próprios Barnabitas sobre as obras de seu irmão na Amazônia, reunidas em uma encadernação organizada. Essas informações foram utilizadas inclusive no processo aberto pela Igreja Católica pleiteando a beatificação e posterior canonização de Eliseu Coroli.

E a história de sua atuação não só atesta um empreendedorismo de Dom Eliseu Coroli, mas todo o seu cuidado pela religiosidade e pela garantia de professores e catequistas preparados. Não só isso, mas um profundo desejo de ver, nas terras do

⁵⁷ Cadernos manuscritos de instruções de Eliseu Coroli, destinado às Irmãs ou às futuras professoras. Arquivo Coroli.



Caeté, uma geração preparada para o trabalho, controlada para os vícios que considerava mundanos e pecaminosos, na construção de uma sociedade formada na obediência e no cuidado religioso e nas ciências, pela educação.

Fontes Pesquisadas

BARNABITAS NO BRASIL 100 Anos. SOBRAC – Sociedade Brasiliense de Ação e Cultura (Província dos Barnabitas do Norte). Belém: Agência Ver Editora, 2003.

BORDALLO DA SILVA, Armando. **Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina**. Belém: Falângola Editora, 1981.

BORDALLO DA SILVA, Bolívar. **Cronologia Bragantina: um capítulo na História da Amazônia**. Inédito. Bragança: 1954.

COLARES, Terezinha. **O Missionário Feliz**. Paragominas: Gráfica e Editora São Marcos, 1997.

ROCHA, Aldo Fernandes. **Contributo de Dom Eliseu Maria Coroli para o Sistema Educacional em Bragança-PA**. Monografia. Curso de Graduação em Ciências da Religião. Belém: Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2003.

JORNAL O BRAGANTINO. “Uma data memorável para os bragantinos. 5 de julho – Lançamento da Pedra do Colégio Santa Teresinha – As Solenidades – Entusiasmo e Regozijo – Teatro de amadores”. Bragança, 14 jul. 1940. n. 97. Artigo p. 1.

MERCÊS, José Maria Ramos das. Barnabitas 450 Anos. **Jornal Voz de Nazaré**. Belém, 22 jan. 1984. Artigo.

OLETO, Leila do Socorro Rotterdam. **Eliseu Coroli, o educador de educadores: perspectivas educacionais pioneiras de influência barnabítica na Região**



Bragantina, no início do século XX. Monografia. Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Bragança: Universidade Federal do Pará, 2004.

PEREIRA, Benedito Cezar. **Sinopse da História de Bragança.** Belém: Imprensa Oficial, 1963.

TRADUÇÃO DOS ESCRITOS DE DOM ELISEU recolhido do Arquivo da Cúria Generalícia dos Padres Barnabitas, em Roma, pelo Irmão Gianfranco – Bta. Bragança, 2001. 131 p.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO José Carlos Souza, GATTI JÚNIOR, Décio. **Novos temas em História da Educação brasileira.** Campinas (SP): Autores Associados, 2002.

BEZERRA NETO, José Maia; GUSMÁN, Décio. (org.) **Terra Matura: historiografia e história social da Amazônia.** Belém: Paka-Tatu, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BRAMBILLA, Luciano; MEIRELES, Vera Maria de Barros; SILVA, Leida Almeida da. **Vocação.** Belém, 2003.

CAMBI, Franco. **História Geral da Pedagogia.** São Paulo: UNESP, 1999.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “A configuração da historiografia educacional brasileira”. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva.** São Paulo: Contexto, 1998.



DECCA, Edgar Salvadori de. “Questões teórico-metodológicas da História”. In: SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luis (orgs.). **História e História da Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

FALHAUBER Priscila; TOLEDO, Peter Mann de. (org.) **Conhecimento e Fronteira: história da ciência na Amazônia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. 8.ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HOBSBAWN, Eric. **Tempos Interessantes: uma vida no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977. 2 vol.

GOFF, Jacques Le. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LOMBARDI, José Claudinei e NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (orgs.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas/SP: Autores Associados, 2004.

MARIN, Rosa Elisabeth Acevedo. (org.) **A Escrita da História Paraense**. Belém: NAEA – UFPA, 1998.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Uma outra “invenção” da Amazônia: religiões, histórias, identidades**. Belém: CEJUP, 1999.

NEVES, L. A. **Memória e história: potencialidades da história oral**. ArtCultura, Uberlândia, nº 6, 27-38, 2003.



NONATO DA SILVA, Dário Benedito Rodrigues. **Os Donos de São Benedito: convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social. UFPA. Belém: 2006.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento e silêncio”. *In:* Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 3-15, 1989.

_____. “Memória e Identidade Social” *In:* Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da Educação Brasileira. A organização escolar.** 12 ed. Campinas: Autores Associados, 1998.

SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs.). **História e História da Educação.** Campinas: Autores Associados; HISTEDR; 1998.

SILVA, Dederal Brandão da. **Os Tambores da Esperança: um estudo antropológico sobre a construção da identidade na Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança.** Belém: Falângola Editora, 1997.

Autores:

1. Prof. M.Sc. Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva

Licenciado Pleno e Bacharel em História pela Universidade Federal do Pará, 2002.

Mestre em História pela Universidade Federal do Pará, 2006.

Professor da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança.

E-mail: dario@ufpa.br / dariobenedito@hotmail.com

(91) 3425.1198 / 9131.3659 / 8205.2155

Endereço: Rua General Gurjão, 1245, Centro. Bragança – PA. CEP: 68600-000



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2010
www.veredasdahistoria.com

Ano III - Ed. 2 - 2010
ISSN 1982-4238

2. Prof.^a Leila do Socorro Rotterdam Olete

Licenciada Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará, 2004

Coordenadora Técnica e Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, de Bragança

E-mail: leilarotterdam@yahoo.com.br

(91) 8162.5025

Endereço: Av. Visconde do Rio Branco, 02, Riozinho. Bragança – PA. CEP: 68600-000



www.veredasdahistoria.com